

Sobre a Sé de Angra do Heroísmo



A capela-mor, com a imagem de S. Salvador inserida num retábulo de pintura do século XVII, executado pelos mestres da Sé de Angra.

O edifício da Sé de Angra foi começado a construir em 1568, por alvará régio de 10 de Janeiro. O bispado das ilhas dos Açores havia já sido criado a 3 de Novembro de 1534, pelo papa Paulo III, designando a igreja de S. Salvador de Angra como catedral do bispo. O primeiro prelado da nova diocese foi D. Agostinho Ribeiro que, chegado a Angra em 1535, se deparou com a pequena e já velha igreja de S. Salvador, em nada compatível com as suas novas funções de Igreja-Mãe dos Açores. Logo começaram as diligências para se erguer uma nova sé, mas foram precisas três décadas para chegar o alvará régio, muito por influência na corte do então bispo de Angra, D. Nuno Álvares Pereira. A cerimónia do lançamento da primeira pedra teve lugar a 18 de Novembro de 1570, já com os alicerces abertos. Como de costume, a obra iniciou-se pela capela-mor, seguindo-se as naves do corpo da igreja, mas a antiga igreja de S. Salvador permaneceu de pé ainda alguns anos. O final das obras de pedraria deve ter acontecido por volta de 1618, mas as obras continuaram no seu interior, com o *doubramento e embelezamento* das capelas.

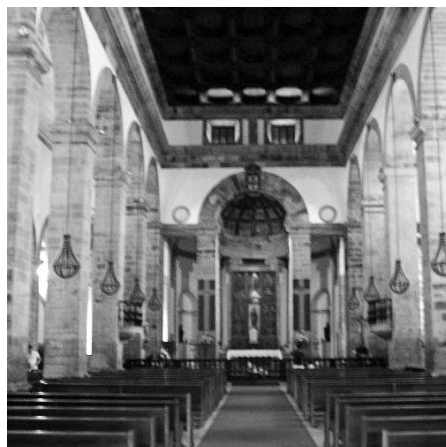
O cargo de mestre das obras da Sé de Angra integrou-se no já existente cargo das obras da ilha Terceira, criado em 1562, sendo extinto em 1683. O primeiro mestre foi Luís Gonçalves Cotta; contudo, não foi ele o autor da *traça* da Sé. O desenho terá sido

enviado da corte em 1568, sendo alterado em 1572 por alvará de D. Sebastião, cujas modificações se achavam numa nova *traça* então enviada. Não se conhecem os documentos que designam qual o autor do desenho. Certo é que foi alguém próximo da corte, um *mestre das obras reais*: assim tinha sido na construção das sés das novas dioceses de Leiria, Portalegre e Miranda do Douro, poucas décadas antes, logo não seria de esperar outra coisa para Angra, como os factos o confirmam. Dos vários nomes de arquitectos activos na época, há um que se destaca pelas características próprias que empregava nas suas obras, um cunho pessoal que permite identificar a sua autoria. Trata-se de Jerónimo de Ruão, o mais *italianizante* de todos os arquitectos reais da época. Traçou, entre outros edifícios, a Matriz da vila alentejana de Fronteira, a igreja do Convento da Luz, em Benfica, e a capela-mor e panteão real da igreja de S.ta Maria de Belém, no Mosteiro dos Jerónimos. Terá sido ele o autor da *traça* da nova catedral do bispado de Angra.

A Sé de Angra apresenta-se como um ponto de chegada da chamada *Arquitectura Chã*. Mais do que um estilo, vigente em Portugal desde meados do séc. XVI até ao início do séc. XVIII, este modo de construir é o reflexo da *Escola Portuguesa de Arquitectura e Urbanismo* que então existiu no reino. Nesse contexto, a Sé de Angra é



A Sé de Angra vista do outeiro da Memória.



Perspectiva da nave central com a cabeceira ao fundo.



A capela-mor e o deambulatório.

um exemplo paradigmático da arquitectura religiosa do seu tempo.

A sua fachada é equilibrada, bem assente no chão, apresentando toda uma geometria no desenho que lhe confere grande harmonia. As torres, integradas na fachada, passam a fazer parte da sua composição (sem elas não haveria fachada), elevando-se autónomas nas suas metades superiores (com capacidade para 32 sinos), coroadas por dois coruchéus (elementos arquitectónicos de forma piramidal muito utilizados no séc. XVI). Passando a tripla arcada da fachada, entramos no interior. Trata-se de uma igreja de 3 naves, sendo a central bem mais larga e alta do que as la-

A Capela-Mor

A capela-mor da Sé de Angra é uma majestosa construção renascentista que lembra o templo clássico greco-romano. Assente num pódio, este templo de colunas jónicas acompanha a abside da capela-mor (construção de planta semicircular usada nas cabeceiras de muitas igrejas), sustentando a arquitrave e a abóbada de caixotões. Na parede do deambulatório projectam-se pilastras jónicas fronteiras às colunas, enquadrando três altares, duas janelas de balcão sobre as portas das sacristias e duas passagens para as capelas colaterais. Toda a estrutura do templo e do arco triunfal foram mandados dourar por D. João IV. Essa talha revestiu a capela-mor da Sé até ao incêndio de 1983, quando ficou visível a estrutura de pedra escondida durante séculos, obra de arquitectura ímpar em Portugal e no mundo. ♦

terais, separadas por 2 arcarias de sete arcos cada. Ao fundo encontra-se a capela-mor, obra de grande erudição, composta por um templo clássico de ordem jónica, rodeado por um deambulatório (corredor que começa e acaba nas passagens laterais ao arco triunfal). Todo o conjunto da capela-mor é anunciado pelo largo arco triunfal que, associado às passagens laterais encimadas pelos seus óculos, constitui um claro exemplo de *serliana*, motivo arquitectónico muito comum no Renascimento. Este motivo também pode ser encontrado na face do coro alto, aqui num grupo de 3 arcos. Cada nave lateral apresenta uma capela colateral, duas capelas laterais e dois altares. Sob uma destas capelas existe uma cripta, reminiscência do altar-mor da antiga igreja de S. Salvador. Para além das duas sacristias de origem, ambas a ladear a capela-mor, foi acrescentada uma outra no séc. XVIII, chamada *maior*. Possui esta sacristia um lavatório que ocupa um compartimento cujas paredes e tecto estão revestidos com pedras mostrando variados elementos decorativos em alto-relevo. No andar superior da sacristia está hoje patente a colecção de escultura, pintura e alfaias religiosas do Museu de Arte Sacra da Sé de Angra. ♦

MATEUS LARANJEIRA
INVESTIGADOR
mateuslaranjeira@hotmail.com

PROMOTOR



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura